

A TRANSFERÊNCIA COMO DIREÇÃO DO TRATAMENTO ANALÍTICO

MARCELO AUGUSTO RESENDE

Capitão Psicólogo e Psicanalista da PMMG

Resumo: *A transferência é um fenômeno que ocorre dentro e fora de uma análise, mas o uso que se faz dela diferencia a psicanálise de outras terapias. Este trabalho vem elucidar o conceito de transferência e possibilitar uma reflexão teórica e prática, através da contribuição de alguns psicanalistas sobre sua relevância no processo e direção do tratamento.*

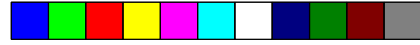
Palavras-chave: *transferência, inconsciente, objeto da pulsão, falo imaginário, sujeito suposto-saber, semblante, sintoma.*

No filme “Confissões muito Íntimas”, do diretor *Patrice Leconte*, uma moça ao procurar um analista, bate à porta de um advogado, que tem um escritório no mesmo andar do psicanalista, acreditando ser ele. Ao recebê-la, ela começa a falar de sua vida e de seus problemas, confiando a este homem os seus segredos. O advogado autoriza a sua fala e atentamente a escuta. As visitas se sucedem até que o equívoco foi percebido pelo advogado, mas o processo transferencial já estava instalado e a paciente resolve continuar falando ao advogado “analista” sobre sua vida.

Násio (1999), fazendo alusão ao artigo freudiano sobre a dinâmica da transferência, dizia que: “todo indivíduo a quem a realidade não oferece inteira satisfação de sua necessidade de amor, todo indivíduo insatisfeito se volta, inevitavelmente, com uma certa esperança libidinal, para todo novo personagem que entra na sua vida. Assim, é completamente normal e compreensível ver o investimento libidinal em estado de espera e pronto para dirigir-se para a pessoa do médico.” (NÁSIO, 1999, p. 60).

Rev. Psicologia: S. Mental e Segurança Pública, B Hte., 5, 77-82, jan./dez. 2008

77



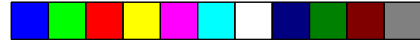
A transferência como direção do tratamento analítico

A característica principal da transferência é a vivência de sentimentos em relação a uma pessoa, mas que na verdade estaria endereçada a outra. As pessoas que são as fontes originais das reações transferenciais foram pessoas importantes e significativas da infância. Houve um deslocamento de desejos, impulsos, medos, fantasias, atitudes e ideias visando a uma pessoa no passado, para alguém da atualidade, Greenson (1981), completa dizendo ser um fenômeno inconsciente e a pessoa que reage com sentimentos transferenciais está quase que totalmente inconsciente desta distorção.

A transferência não é uma exclusividade da psicanálise, mas se origina da estrutura da neurose, ressalta Birman (1982). Pode ser observada com frequência na relação professor-aluno, médico-paciente e padres-fiéis. É um fenômeno universal e não um produto criado unicamente no espaço analítico. Muitas vezes, a própria escolha do analista já está marcada por uma transferência, como pode ser constatado no discurso desta cliente: *“escolhi você porque tem o mesmo nome do meu irmão, aquele a quem confio os meus segredos e com quem tenho liberdade para falar”*. A partir do telefonema do paciente para marcar uma consulta, a transferência em direção ao analista já está bem estruturada, afirma Násio (1999).

Quando alguém procura uma análise, tende a repetir na relação com o analista os seus modelos e a transferir para ele imagens introjetadas. Cada indivíduo tem uma placa estereotipada da qual tira exemplares, indefinidamente no decorrer de sua existência. Assim, a transferência é o momento em que o analista é captado nesses estereótipos, podendo ser identificado à imagem materna, paterna e/ou fraterna, entre outros Freud, (1969).

Segundo Miller (1994), a transferência em sentido psicanalítico se produz quando o desejo se aferra a um elemento muito particular que é a pessoa do terapeuta. Não exatamente à pessoa, mas ao significante analista. A transferência é, sobretudo, um fenômeno ilusório, imaginário. Na perspectiva freudiana, é o momento em que o desejo do paciente se apodera do terapeuta, em que o psicanalista – não a sua pessoa – imanta as cargas liberadas pelo recalque. O analista, a



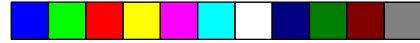
Marcelo Augusto Resende

partir do momento que opera com a cura psicanalítica, não é exterior ao inconsciente do paciente. Há um lugar na economia psíquica que o analista vem ocupar. O analista torna-se uma formação do inconsciente. Nesse sentido, a transferência é a atualização da realidade do inconsciente. Ela permite ver o funcionamento de um mecanismo inconsciente na própria atualidade da sessão, criando uma nova patologia, uma doença artificial própria da análise, que Freud (1969) reconhece como inevitável, pois o desejo inconsciente é mobilizado pela cura. É a neurose de transferência.

Um cliente de 28 anos ficou irritado por esperar na sala de espera cinco minutos além do seu horário, acreditando que o analista gostava mais do cliente anterior do que dele. Na sessão, acaba lembrando a sua relação com o pai, que dava mais atenção ao irmão mais novo. Com isso, sentia-se rejeitado e preterido, causando intensa raiva. Sua vivência anterior acabou sendo atualizada na relação com o analista.

Lacan adverte que a história é o passado historizado no presente porque foi vivido no passado, nos lembra Miller (1994). O caminho da restituição da história do sujeito adquire a forma de uma busca de restituição do passado. A repetição é efeito da atemporalidade do inconsciente e se opõe à recordação. A neurose é uma doença da memória. Somente a revivescência no presente, acompanhada por uma interpretação das determinações inconscientes, produz uma ressignificação, que permite ao paciente situar-se de forma diferenciada em relação à sua história, complementa Hornstein (1990).

A transferência é o *primum movens* da análise, afirma Násio (1999). O cliente ao procurar um analista crê que ele irá curá-lo de seus sofrimentos, de seus sintomas. O sintoma é um elemento que tem uma significação que se dirige ao outro. O psicanalista situa-se no lugar aonde se dirige o sintoma, é o receptor essencial do sintoma e, por isso, o lugar que deve à transferência lhe permite operar sobre o sintoma. Na relação analítica, a transferência começa paulatinamente a instaurar-se, a estabelecer-se uma conexão de natureza transferencial



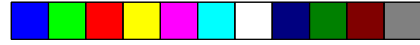
A transferência como direção do tratamento analítico

entre esses sintomas e nós, analistas, até que façamos parte do sintoma. Esse gênero de conexão é o índice maior da transferência e, segundo Násio (1999), temos que nos introduzir no sofrimento do outro e só podemos fazê-lo se entramos na cena, no roteiro, nos detalhes, na pontuação do discurso. É o que Lacan chama de semblante, o que significa fazer uma tábula rasa de qualquer ideia, sentimento, até se tornar uma superfície virgem de inscrições. O analista deve ser o vazio em si e “fingir esquecimento”. Trata-se, portanto, de uma atitude subjetiva, interna do analista, que desencadeia, abre, institui e inaugura, verdadeiramente, o discurso analítico. Cesarotto (1987) contribui dizendo que o semblante consiste em suportar o que não se conhece, sem demonstrá-lo e que esta é a função do analista e condição de escuta.

O analista garante, que tudo o que o analisando faz serve para alguma coisa, mesmo que não se saiba o quê. O sujeito suposto-saber não é o analista que sabe tudo, mas aquele em que o paciente confia, que o que é dito não é feito em vão, não se fala à toa.

Quinet (1991) adverte que o cliente pode se apresentar ao analista para se queixar de seu sintoma e até pedir para ele se desvencilhar, mas isso não basta. É preciso que essa queixa se transforme em uma demanda endereçada àquele analista e que o sintoma passe do estatuto de resposta ao estatuto de questão, para que o cliente seja instigado a decifrá-lo. Nesse trabalho preliminar, o sintoma será questionado pelo analista que procurará saber a que esse sintoma está respondendo, que gozo esse sintoma vem delimitar. Em termos freudianos: o que fez fracassar o recalque e surgir o retorno do recalado para que fosse constituído o sintoma.

A constituição do sintoma analítico é correlata ao estabelecimento da transferência que faz emergir o sujeito suposto-saber, pivô da transferência. O sintoma, ao ser transformado em questão, ele aparece como a própria divisão do sujeito e, ao encontrar o endereço certo que é o analista, se torna o sintoma propriamente analítico. Lacan chama isso de: “o analista completa o sintoma.” Com esse sintoma, o sujeito se dirige ao analista com uma pergunta: o que isso quer dizer? O que significa isso? Tal posição inclui um saber, pois



Marcelo Augusto Resende

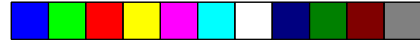
supõe que o analista detém a verdade de seu sintoma. O enigma é dirigido ao analista que é suposto deter o saber: o analista é assim incluído nesse sintoma completando-o. O analista será convocado a ocupar na transferência o lugar do Outro do sujeito a quem são dirigidas suas demandas.

O analista empresta a sua pessoa para encarnar esse sujeito suposto-saber, embora sua posição muito mais do que a posição de saber é de fato uma posição de ignorância, de não ter um saber absoluto. Segundo Násio (1999), é preciso que o analista ocupe, se aproxime o mais possível da expressão imaginária do objeto da pulsão, ou seja, que encarne o falo imaginário, um grande Outro, interlocutor das mensagens que lhe são dirigidas. “É o lugar do objeto recoberto pelo véu de um falo imaginário, opaco e enigmático” (NÁSIO, 1999, p. 46).

O estabelecimento da transferência é necessário para que uma análise se inicie, mas ela não é condicionada ou motivada pelo analista. Ela está presente desde o início. Não é portanto uma função do analista, mas do analisante. A função do analista é saber utilizá-la na direção do tratamento. No filme “Confissões muito Íntimas”, o “advogado analista” silencia a si mesmo para dar voz a sua cliente e com isso promove que ela possa fazê-lo seu analista, através da transferência.

Abstract: *Transference is a phenomenon which occurs inside or outside the boundaries of the analytical process. However, the use of transference by psychoanalysis differentiates such process from other therapy methods. Using the contributions of some psychoanalysts about the importance of transference in the process and in the direction of the treatment, this work intends to clarify the concept of transference and to allow a practical and theoretical reflection upon such.*

Key-words: *transference, unconscious, pulsion object, phallus, subject supposed-knowledge, semblance, symptom.*



A transferência como direção do tratamento analítico

REFERÊNCIAS

ALAIN MILLER, Jacques. **Percursos de Lacan – uma introdução**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

BIRMAN, Joel et al. **Transferência e interpretação**. Rio de Janeiro: Campus, 1982.

CESAROTTO, Oscar et al. **O que é psicanálise**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987.

FÉDIDA, Pierre. **Clínica psicanalítica – estudos**. São Paulo: Escuta, 1988.

FREUD, Sigmund. **A dinâmica da transferência**. ESB. Rio de Janeiro: Imago. 1969, vol XII, p. 133-143.

_____. **Observações sobre o amor transferencial**. ESB. Rio de Janeiro: Imago. 1969, vol XII, p. 207-223.

GREENSON, Ralph. **A técnica e a prática da psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 1981.

HORNSTEIN, Luis. **Cura psicanalítica e sublimação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

NASIO, J.D. **Como trabalha um psicanalista?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

_____. **Cinco lições sobre a teoria de Jacques Lacan**. Rio de Janeiro: J. Zahar Ed., 1993.

QUINET, Antônio. **As 4 + 1 condições de análise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1991.